

**LEVANTAMENTO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NOS LAGOS JUTICA E
CAIAMBÉ, MUNICÍPIO DE TEFÉ/AM**
SURVEY OF ARCHAEOLOGICAL SITES IN THE LAKES JUTICA AND CAIAMBÉ,
TEFÉ/AM

Eduardo Kazuo Tamanaha
Laura Pereira Furquim
Rafael de Almeida Lopes
Verônica Lima Fernando

Vol. XII | n°23 | 2015 | ISSN 2316 8412



Levantamento de sítios arqueológicos nos Lagos Jutica e Caiambé, município de Tefé/AM¹.

Eduardo Kazuo Tamanaha²
Laura Pereira Furquim³
Rafael de Almeida Lopes⁴
Verônica Lima Fernando⁵

Resumo: Este relatório apresenta informações arqueológicas da região dos lagos Jutica e Caiambé, no município de Tefé (Amazonas), levantadas durante a etapa de campo em agosto de 2014. Os dados obtidos em campo, através de informações orais, fazem parte de um projeto maior que tem por objetivo registrar a ocupação humana de longa duração nas regiões do baixo e médio rio Solimões.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica, Rio Solimões, Estado do Amazonas.

Abstract: This report presents archaeological informations in the region of Jutica and Caiambé lakes, in Tefé (Amazonas), raised during the field stage in August 2014. The data obtained in the field, through oral information, are part of a larger project that aims to record the human occupation of long duration in the regions of lower and medium Solimões river.

Keywords: Amazon archaeology, Solimões river, Amazonas state.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados do levantamento histórico-arqueológico dos lagos Caiambé e Jutica, município de Tefé, estado do Amazonas, realizado em agosto de 2014. A pesquisa está ligada ao projeto Arqueologia do Baixo-Médio Rio Solimões, desenvolvida no Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). O projeto, coordenado pelo autor Eduardo Kazuo Tamanaha, faz parte de seu doutorado em andamento pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e intitulado “Zona Tampão e a Tradição Polícroma da Amazônia no Baixo/Médio Rio Solimões” (TAMANAHA, 2013).

¹ O trabalho teve apoio financeiro e logístico do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Brasil.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (PPGA-MAE/USP), Brasil; e Coordenador do Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Brasil.

³ Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil; e pesquisadora do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil.

⁴ Graduando em História pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil; e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo (FAPESP), Brasil; de iniciação científica do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil.

⁵ Graduanda em História pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA), Brasil; e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; de iniciação científica pelo Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Brasil.

O trabalho de campo levantou 13 sítios arqueológicos e informações de localidades com potencial na ocorrência de vestígios. Para esse relatório de pesquisa apresentaremos os sítios identificados e algumas informações sobre a atual ocupação humana dos respectivos lagos.

OBJETIVOS

- Localizar os sítios arqueológicos nos lagos Jutica e Caiambé;
- Caracterizar minimamente as ocorrências de vestígios arqueológicos em superfície e em posse dos moradores;
- Estabelecer o primeiro contato com os moradores, esclarecendo os objetivos e justificativas do projeto, bem como o trabalho do arqueólogo de forma ampla;
- Levantar dados históricos locais através de entrevistas informais com os moradores da região.



Figura 1: Localização dos sítios arqueológicos nos Lagos Jutica e Caiambé. Fonte: Google Earth, 2014.

BREVE HISTÓRICO DE PESQUISAS NA REGIÃO

Dentre as áreas com grande destaque na arqueologia amazônica, a bacia do rio Solimões foi um lugar pouco explorado arqueologicamente ao longo do século XX, ao contrário da foz do Amazonas,

Orinoco ou regiões da Alta Amazônia (Peru e Equador). As primeiras informações sobre as cerâmicas arqueológicas da região foram descritas nos trabalhos de João Barbosa Rodrigues, na área de confluência entre os rios Solimões e Negro, em sua obra *Antiguidades do Amazonas* (1892, 1876). Notícias sobre o baixo e médio curso do Solimões só seriam publicadas na metade do século XX, como os breves relatos de Gastão Cruls (1942), Wanda Hanke (1959) e Feriz (1963). A principal contribuição veio do arqueólogo alemão Peter Paul Hilbert (1962, 1968), que elaborou uma sequência cultural e cronológica das ocupações ceramistas desde a área de confluência até o médio-alto rio Solimões. Após um hiato de 30 anos, os pesquisadores James Petersen, Michael Heckenberger e Eduardo Neves iniciariam o Projeto Amazônia Central, testando as hipóteses propostas por Donald Lathrap e seu “modelo cardíaco”, além de refinar as cronologias propostas por Hilbert (NEVES, 2008, 2013).

Outras pesquisas arqueológicas ocorreram ao longo das margens do rio Solimões ligadas aos procedimentos de licenciamento ambiental. Duas grandes obras ocorreram no trecho que liga o médio Solimões à capital Manaus (CALDARELLI, 1998; NEVES, 2010), totalizando a identificação de 73 sítios arqueológicos em um trecho de aproximadamente 700km. Concomitante a esses trabalhos, e como resultado dessas obras, surgiu o projeto multidisciplinar PIATAM (Inteligência Socioambiental Estratégica da Indústria do Petróleo na Amazônia), atuando na mesma área dos empreendimentos e identificando mais 86 sítios arqueológicos (LIMA, TAMANAHA, 2007, 2008).

Em 2006 começa uma nova etapa de pesquisas na região do médio rio Solimões, a partir do Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), atuando principalmente no entorno da cidade de Tefé (sede do instituto) e dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (COSTA, 2012; GOMES, 2011).

METODOLOGIA

Tratando-se de uma primeira etapa de campo e de caráter exploratório, utilizamos a metodologia de “levantamento consultante” (ROCHA *et al.*, 2014), ou seja, a localização de sítios arqueológicos através de consultas orais realizadas junto aos moradores da região. Não há nenhuma inovação na práxis, sendo conhecida comumente como “levantamento assistemático e oportunístico” através de vistoriais superficiais, porém empregamos o termo proposto por Rocha *et al.* (op. cit.) com o intuito de destacar as contribuições fundamentais oferecidas pelos atuais ocupantes dos locais visitados.

Essa metodologia vem sendo utilizada pelo PAC (Projeto Amazônia Central) há quase duas décadas (NEVES, 2013), priorizando áreas com superfícies expostas que permitem a identificação de

fragmentos cerâmicos, líticos, solos antrópicos (“Terra Preta de Índio” – TPI) e estruturas antrópicas (valas e montículos). Nesse sentido, muitos dos sítios identificados foram encontrados nas comunidades visitadas, nos roçados ou em localidades abandonadas recentemente.

Em todos os locais visitados fazíamos o primeiro contato com as lideranças comunitárias, nos apresentando como pesquisadores interessados em conhecer a história local. Após algumas horas de conversas, com uma maior compreensão sobre a fundação da comunidade e quem seriam os “veteranos” que construíram as primeiras casas ou roças, explicávamos que também tínhamos o interesse em conhecer um passado muito mais antigo, anterior a criação da comunidade e da chegada dos veteranos. Em alguns casos os moradores compreendiam que estávamos à procura das “panelas de índio” ou “cacos de pote” e em outros casos, explicávamos que era através desses vestígios que tentávamos entender quem tinha morado naquele local antes deles. Após explicarmos as razões de nossa visita e o que estávamos buscando, realizávamos o caminhamento pela comunidade acompanhados de um ou mais (as vezes todos) moradores nos locais onde eles nos indicavam possuir maior concentração de vestígios em superfície ou submersos nas margens do lago. Não realizamos nenhuma coleta de material e explicamos de que maneira a legislação brasileira funciona em relação ao patrimônio arqueológico. Concomitante a essa pesquisa, também realizamos um breve levantamento oral das plantas utilizadas pelos moradores, diferenciando entre o que foi cultivado e o que “dá no mato”.

Todos os sítios arqueológicos foram georreferenciados com um GPS (Datum WGS 1984), anotando as informações obtidas em caderno de campo e realizando o registro fotográfico do material encontrado, da paisagem e da superfície exposta nas comunidades.

RESULTADOS DE CAMPO

Em 8 dias de trabalho de campo foram levantados 13 sítios arqueológicos e, com exceção do sítio São João, todos os demais estão localizados em áreas de comunidade.

De um modo geral, todos os sítios apresentaram fragmentos cerâmicos associados à “Terra Preta de Índio” (TPI), mas em algumas localidades o solo antrópico ocorria com menor intensidade. Na maior parte dos casos observamos que isso ocorria por conta da lixiviação, dos processos de limpeza (capinação) e da terraplanagem (campo de futebol), cujas atividades a longo prazo acabaram retirando o pequeno pacote de terra preta. Porém, ainda assim foi possível encontrar algumas manchas escuras e esparsas pelos sítios arqueológicos. A erosão fluvial dos barrancos, conhecido como “terras caídas”, é também outro fator determinante para a alteração do registro arqueológico encontrado. Assim, em quase todas as

comunidades, os moradores nos informaram que eles encontram maior presença de vestígios cerâmicos nas “praias” formadas durante a seca, ou seja, os vestígios rolados pelas quedas dos barrancos que são expostos devido a diminuição do nível das águas.

Nome	Latitude	Longitude	Terra Preta	Vestígios Arqueológicos
Marajó	-3,603065	-64,318851	Não	Cerâmico Histórico
Amazonas	-3,598646	-64,316437	Sim	Cerâmico Pré-Colonial e Histórico
Santo Eduardo	-3,614833	-64,274000	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Sacaí	-3,634256	-64,534608	Não	Cerâmico Pré-Colonial
Caiambé	-3,531655	-64,408001	Sim	Cerâmico Pré-Colonial e Histórico
Feliciano	-3,592028	-64,476639	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Igarapé-Açu	-3,624285	-64,494143	Possível	Cerâmico Pré-Colonial
Acapú	-3,607583	-64,498556	Não	Cerâmico Pré-Colonial
Cairara	-3,640667	-64,540750	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Miriti	-3,650278	-64,554639	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Severino	-3,717000	-64,645556	Não	Cerâmico
Barreirinha	-3,648126	-64,526943	Não	Cerâmico Pré-Colonial
São João	-3,516389	-64,428500	Sim	Cerâmico Pré-Colonial

Tabela 1: Localização dos sítios arqueológicos levantados (Datum: WGS 1984).

Sítio Marajó

Comunidade localizada na margem direita do Lago Jutica e em área de terra alta não alagável. Os moradores relataram a presença de fragmentos cerâmicos nas praias que são expostas durante o período de seca e, de vez em quando, também os encontram na área da comunidade. Segundo o morador Paulo Bruno, antigamente era possível encontrar “cacos de índio” por toda a comunidade, mas conforme o tempo foi passando os fragmentos também foram diminuindo. Durante a caminhada pela comunidade encontramos somente um fragmento de borda em superfície, mas sem elementos que indicassem alguma filiação ou cronologia relativa.

Por outro lado, Paulo Bruno guardava em sua casa alguns utensílios cerâmicos que pertenciam a sua família ou que ele achou em áreas de roçado. Ele nos apresentou três vasilhas: uma *bília* para armazenar água e que possui \pm 10 anos, um jarro com alças para armazenar água que foi produzida pela sua falecida mãe e que conta com \pm 100 anos e uma garrafa de grês holandesa da marca Wynand Fockink Amsterdam.

A *bíblia* de água foi feita através de técnicas mais modernas, como a utilização do torno e a queima em um ambiente controlado (forno). O jarro de água já possui traços de uma produção mais artesanal, com uma queima menos controlada e a utilização do caraipé como antiplásticos da argila.

Quanto à garrafa de grês, levantamos que a empresa Wynand Fockink Amsterdam começou a sua produção em 1679, na cidade de Amsterdam, produzindo licores e outras bebidas destiladas (Gin e Rum). Devido à influência da Companhia das Índias Ocidentais e do intenso comércio de produtos manufaturados da Europa, a garrafa de grês pode ser encontrada em várias partes da Amazônia e remete ao período de colonização europeia e intenso comércio com a população local (PORRO, 1995).



Figura 2: (esq. p/ dir.) Bíblia de água, jarro artesanal e garrafa de grês (Wynand Fockink Amsterdam).



Figura 3: Comunidade Marajó.

Sítio Amazonas

Sítio arqueológico localizado na margem direita do lago Jutica, em área de terra alta não alagável, há 560m da comunidade Marajó. A informação da ocorrência de vestígios nessa área, conhecida localmente como Amazonas, veio dos nossos contatos de Marajó que diziam encontrar muitos fragmentos no barranco.

A área é recoberta por uma densa capoeira e existem evidências (esteios e assoalhos de madeira) de uma casa abandonada há uns 20 anos, pertencente aos parentes do morador Paulo Bruno, da Comunidade Marajó.

Por conta da capoeira e serrapilheira que recobria todo o terreno, não encontramos muitos vestígios cerâmicos em superfície, mas o nosso acompanhante Zidonildo afirmou que encontraram muitos “cacos de pote” quando cavaram buracos para esteio ou para preparar o roçado. Mesmo assim, conseguimos visualizar vários fragmentos cerâmicos na área de barranco exposto próximo à residência abandonada e associados à uma fina camada (\pm 20cm) de TPI. Alguns destes fragmentos estariam associados à Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) por conta de sua decoração plástica acanalada bastante característica.



Figura 4: Evidência de “Terra Preta de Índio”.



Figura 5: Fragmento de vasilha quadrangular com decoração acanalada, possivelmente associada à Tradição Polícroma da Amazônia.

Sítio Santo Eduardo/Bonfim

Sítio arqueológico localizado na margem direita do rio Solimões, jusante a foz do Lago Jutica, em uma terra alta não alagável e que sofre do processo de “terras caídas”. Zidonildo, que possui parentes na comunidade Santo Eduardo, havia nos informado sobre a presença de fragmentos cerâmicos nas praias que se formam em frente à comunidade e no barranco exposto durante a seca.

O sítio Santo Eduardo possui um contexto semelhante à outros sítios estudados na calha do Solimões: grande quantidade de cerâmica associada a TPI, não há material exposto em superfície, o pacote arqueológico está enterrado por uma espessa camada de sedimento aluvial e os vestígios cerâmicos só são visíveis no período de seca por conta da erosão fluvial no barranco.

Rosinaldo, morador nascido e criado em Santo Eduardo, calcula que já caiu em torno de 20m de barranco ao longo dos seus 42 anos de vivência na comunidade. Desde criança ele se lembra de encontrar muitos vasos (quebrados e inteiros) no período da seca, principalmente após a queda do barranco que expunha o pacote arqueológico enterrado. O mesmo morador, interessado pelos fragmentos cerâmicos, guardava em sua casa um artefato cerâmico inteiro em forma de trapézio e com decoração plástica no centro.

Há menos de 200m acima da comunidade Santo Eduardo, na mesma margem, visitamos a comunidade Bonfim que possui as mesmas características geográficas que o Santo Eduardo. Ela é voltada para o Solimões e ao sul é cortada por um pequeno igarapé que a separa da extensão da comunidade.

Essa área é uma terra alta não alagável e é contínua à comunidade Santo Eduardo. No próprio Bonfim não encontramos cerâmica em superfície, mas essa nova área representa a periferia do sítio arqueológico encontrado em Santo Eduardo. No momento da visita estava sendo construída uma nova escola para o Bonfim e, durante a construção, foram evidenciados diversos fragmentos cerâmicos associados a TPI e eles também coletaram uma urna funerária policroma antropomorfa.

Ao contrário da área do Santo Eduardo, cujo pacote arqueológico estava enterrado por um depósito aluvial, no Bonfim ele estava exposto em superfície.

Bonfim é presidida pelo Sr. Manelo, que nos esclareceu que a comunidade é formada por indígenas e que está em processo de reconhecimento étnico associado aos Miranha. Na realidade o local possui um contexto multiétnico, como em muitas terras demarcadas pela Amazônia, sendo habitado também por famílias Tikuna, Cambeba e Cocama.



Figura 6: Barranco de acesso à comunidade erodido pelo rio Solimões.



Figura 7: Objeto cerâmico coletado pelo morador Rosinaldo.



Figura 8: Fragmentos encontrados no barranco associados à Tradição Polícroma da Amazônia. Detalhe para o solo antrópico incrustado na superfície do fragmento.



Figura 9: Área do sítio impactada pela construção de uma escola.

Sítio Caiambé

Sítio arqueológico localizado na margem direita do rio Solimões, junto à foz do lago Caiambé, em uma terra alta não alagável, na área denominada Caiambé II dentro da comunidade Caiambé.

Esse sítio possui uma grande importância para as pesquisas arqueológicas, pois foi um dos locais identificados e trabalhados por Hilbert (HILBERT, 1962, 1968). Naquela época o pesquisador encontrou

vestígios que possuíam traços decorativos que lembravam a Fase Manacapuru, da Tradição Borda Incisa e identificada por ele na área de confluência dos rios Solimões e Negro. Essa nova cerâmica foi batizada de Fase Caiambé e hoje sabemos que ela nos remete ao século V DC (GOMES, 2011).

Após 50 anos de sua passagem, revisitamos a comunidade Caiambé com o intuito de localizar o sítio que ele havia identificado. Boa parte da comunidade se encontra asfaltada e obras de terraplanagem, construção de casas e outras melhorias urbanas podem ter impactado diferentes setores do sítio. Por conta disso, o único lugar que encontramos evidências arqueológicas foi no setor Caiambé II, na porção nordeste da comunidade e o único local em que as ruas não são asfaltadas.

Trata-se de um sítio multicomponencial associado às fases Tefé (TPA) e Caiambé (TBI), com presença de “Terra Preta de Índio”, com aproximadamente 300m de comprimento paralelo ao rio Solimões e muitos fragmentos expostos em superfície. Em uma travessa do Caiambé II, recentemente, foi construída uma igreja neopentecostal e ao escavarem suas fundações encontraram um vaso inteiro, ao qual não tivemos acesso.

Conversamos com duas antigas moradoras da região (Hilda de 93 anos e Luzia de 70 anos que nasceu e se criou no Caiambé) e ambas nos informaram que outros moradores já encontraram muitos vasos inteiros na área. Além disso, nos disseram que os fragmentos cerâmicos aparecem entre 2-3m de profundidade e o solo escuro acompanha ao longo de toda profundidade. Não encontramos nenhum morador que se lembrasse da passagem de Hilbert na comunidade.



Figura 10: Fragmento de borda da fase Caiambé.



Figura 11: Fragmentos encontrados em superfície das fases Caiambé e Tefé.



Figura 12: Comunidade Caiambé vista a partir do lago.

Sítio Feliciano

Sítio localizado na margem esquerda do lago Caiambé, em uma terra alta não alagável, próximo a foz de um afluente do lago. É a primeira grande comunidade do lago após o Caiambé.

O sítio possui uma pequena camada de TPI silto-arenosa associada a grande quantidade de fragmentos cerâmicos. Entre os vestígios foi possível identificar traços decorativos que nos remetem à fase

Caiambé (TBI) e fase Tefé (TPA). O material está disperso por toda comunidade e em seu entorno, possuindo aproximadamente 430m (Norte-Sul) por 130m (Leste-Oeste). Encontramos também algumas manchas dispersas de TPI. Na porção a oeste do sítio identificamos, pelo menos 4 circunferências de vasos inteiros aflorando em superfície.

O Sr. Francisco, morador da comunidade, guarda alguns fragmentos em sua casa e tivemos acesso a um pequeno aplique zoomorfo (cabeça de pássaro) que ele coletou próximo a sua casa durante a capinação. Ele também afirma que há muitos fragmentos visíveis nas praias da comunidade durante o período de seca.

Na escola da comunidade conversamos com o professor João, formado em história pela UEA (Universidade Estadual do Amazonas), campus Tefé, cujo TCC conta toda a história de Feliciano. Nesse trabalho ele também apontou para os locais que possuía maior ou menor densidade de material arqueológico ocorrendo dentro da área da comunidade. Infelizmente, ele não possuía uma cópia de seu TCC para termos acesso as essas informações.

A comunidade foi fundada em 1930, pelo pai do Sr. Pedro e Sr. Francisco, e o local era uma imensa capoeira. Ele teria chegado com a sua família e outros colegas na época dos “patrões” para trabalhar na extração da sorva, castanha e seringa. O período histórico dos “patrões” já foi alvo de pesquisas em outras áreas da Amazônia, como na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã (QUEIROZ, 2005; ALENCAR, 2009).



Figura 13: Fragmentos com decoração plástica e engobo branco.



Figura 14: Circunferência da vasilha aflorando em superfície.

Sítio Igarapé-Açú

Sítio localizado na margem direita do Lago Caiambé, na confluência do Igarapé-Açu com o Caiambé. Parte da comunidade está localizada em uma terra alta não alagável, mas que sofre com a erosão do rio, e outra parte está em uma área mais baixa que só alaga nas grandes cheias.

Os vestígios estão espalhados por toda a superfície da comunidade, ao longo de 550m (sentido leste-oeste), associados a um sedimento siltoso esbranquiçado (depósito aluvial). Os fragmentos encontrados estão bastante erodidos e alguns possuem a superfície oxidada, mas foi possível observar resquícios de pintura vermelha em alguns deles. O antiplástico é composto por caraipé e carvão. Sobre a TPI, o presidente da comunidade, Rosivelton diz que quando escavam para colocar esteios de casas encontram um solo mais escuro a ± 70 cm de profundidade e com muitos fragmentos cerâmicos. Não avistamos o solo escuro, mas é possível que se trate de uma camada arqueológica enterrada pelo sedimento aluvial.

Quanto a história da comunidade, Rosivelton e Raimunda (moradora) nos informaram que Igarapé-Açu possui em torno de 26 anos. No período dos patrões esse local era utilizado como área de caça e somente na década de 1990 é que começaram a ocupa-lo. Raimunda foi uma das moradoras que chegou nesse período inicial, vinda do rio Japurá, afirmando que o Caiambé possuía melhores oportunidades na venda da farinha de mandioca. Ela também nos contou que sua falecida mãe fazia vasos cerâmicos (*fogareiro, bilia*, etc.) utilizando o barro da várzea e o caraipé como antiplástico.



Figura 15: Barranco erodido pelo igarapé Açú na parte sul da comunidade.



Figura 16: Fragmentos encontrados submersos próximo ao porto da comunidade.

Sítio Acapú

Sítio localizado na margem esquerda do Lago Caiambé, do lado oposto à comunidade Igarapé-Açu, em área de terra alta não alagável. O local nos chamou atenção pelo extenso barranco alto de aproximadamente 1,5km.

A localidade é conhecida como Acapú e é formada por casas individuais espalhadas ao longo da margem alta. Antes de chegarmos ao local, o presidente Chagas (Comunidade Feliciano) havia nos informado que seu pai morava nessa localidade e que ele guardava capsulas de bala da época em que o lago foi “tomado” dos índios pelo patrão (início do século XX). Ao chegarmos no local nos deparamos com fragmentos cerâmicos na declividade do barranco e próximo ao porto da casa do Sr. Cleudo. Ele nos afirmou que não encontra muitos fragmentos em superfície, mas a partir de ± 50 cm de profundidade surgem muitos vestígios.

Encontramos alguns fragmentos que possuíam muito caraipé como antiplástico, mas ausentes de traços decorativos. No entanto, Cleudo e Raimundo disseram já terem encontrados vários fragmentos com desenhos ou pinturas vermelhas. O local não apresenta TPI em superfície e não souberam nos afirmar se ela ocorre em profundidade.

Cleudo nos disse que o Acapú era uma aldeia com muitos indígenas e que toda essa área foi tomada pelos capangas do Henrique Lima, no início do século XX, visando o acesso e extração da castanhas. Raimundo confirma essa história ao mostrar as capsulas de balas que ele guardava em sua casa e disse ter encontrado muito desses vestígios de munição espalhados por toda Acapú.



Figura 17: Material encontrado no porto da residência do Sr. Cleudo.



Figura 18: Fragmentos encontrados no entorno da casa do Sr. Raimundo.

Sítio Sacai

Sítio localizado na margem esquerda do lago Caiambé, dentro de uma enseada, em uma terra baixa não alagável.

O local possui poucos fragmentos em superfície. Alguns vestígios encontrados apresentaram decoração pintada em tons de branco e vermelho e outros aparentam estar associado à TPA, por conta das características de sua borda (reforço externo e expandido associados ao engobo branco). A superfície do material está bastante erodida e existem alguns fragmentos cerâmicos que podem ser mais recentes, pois encontramos partes de um fogareiro (semelhante ao que é produzido atualmente) com decorações incisas.

Não há muitas informações sobre a fundação da comunidade, mas a moradora Marinete nos disse que seu avô chegou ao local há muitos anos atrás para trabalhar no extrativismo. Quando escolheu o local para construir a sua casa, dizem que ele matou uma cobra que chamam de Sacai, dando origem ao nome da comunidade.



Figura 19: Fragmentos encontrados em superfície. Alguns possuem resquícios de engobo branco na face externa.



Figura 20: Comunidade Sacai.

Sítio Cairara

Sítio localizado na margem esquerda do Lago Caiambé, na confluência de um afluente com o lago, em uma terra alta não alagável.

O material pode ser encontrado por toda a extensão da comunidade, com medidas aproximadas de 260m (eixo norte-sul) por 120m (eixo leste-oste). Existem algumas manchas de TPI dispersas entre as

construções, mas na área de roçado e de capoeira do entorno da comunidade o solo antrópico está mais preservado, apesar de possuir uma menor densidade de vestígios.

Não foi possível diagnosticar quais seriam os componentes do sítio, mas é notória a presença de cerâmicas da TPA e o uso de caraipé nas pastas. É possível que parte do sítio já tenha ficado submerso, pois a área próxima à margem é composta por um sedimento de granulometria siltosa, enquanto que a parte mais distante do lago possui um sedimento argiloso.

Em relação à comunidade, ela foi fundada pelo morador Sérgio em 1993, com participação ativa da prefeitura de Tefé e outros órgãos do governo público. Os primeiros moradores são provenientes de outras comunidades do Caiambé, que articulados por Sérgio conseguiram encontrar uma nova área para se fixarem. Cairara possui um importante papel frente às outras comunidades, pois o abastecimento de energia elétrica vindo de Tefé chega primeiro no Cairara e depois é redistribuído para as demais comunidades do lago, com exceção de Caiambé que possui uma estação própria.



Figura 21: Comunidade Cairara



Figura 22: Fragmento de parede com flange mesial.

Sítio Barreirinha

Sítio localizado na margem direita do Lago Caiambé, em uma terra alta não alagável, formada por três pontas de terras intercaladas por duas enseadas perenes.

Apesar de ser umas das terras mais altas da região, o local apresentou baixa densidade de material arqueológico, sendo encontrados alguns fragmentos no barranco e próximo à escada de acesso principal da comunidade. Não há informação da existência de TPI e nem foi observado qualquer solo de coloração mais escura, porém o local já passou por muitas obras de infraestrutura, o que pode ter comprometido o pacote arqueológico superficial. Os poucos vestígios encontrados indicam estar associado à TPA (fragmento com flange mesial e decoração acanalada).

Sobre a fundação da comunidade, Sr. Pedro (um dos fundadores) nos informou que ele e outros familiares vieram do município de Jutai com um grupo da Santa Cruz, há cerca de 50 anos, e após pedirem permissão para o “patrão” eles se assentaram próximo ao Igarapé-Açú. Porém, o local não era propício para moradias e, buscando fugir dos domínios territoriais do patrão, eles se mudaram para a atual localidade.

A comunidade também está passando pelo processo de demarcação e sendo reconhecida como TI Tikuna, apesar de também haverem moradores Cocama, Cambeba e Kanamari. O próprio Mário Jorge, tuxáua da comunidade, acredita que faz parte de outro grupo, pois ele se recorda que sua mãe era Caixana.



Figura 23: Comunidade Barreirinha implantada sobre as pontas de terra.



Figura 24: Fragmento de borda com flange labial.

Sítio Miriti

Sítio localizado na margem esquerda do Lago Caiambé, em uma terra alta não alagável, próximo à confluência de um afluente com o lago. É a última comunidade antes de começar o trecho do igarapé Caiambé.

Os fragmentos dispersos pela área da comunidade estão bastante erodidos, com a superfície oxidada, possuem o caraipé como antiplástico principal. Não encontramos nenhum elemento diagnóstico que pudesse ser associado a alguma fase ou tradição arqueológica. Nos informaram que existe muito material e TPI na ponta de terra a oeste da comunidade, em uma área de roçado recém aberta. No momento da visita, por conta da derrubada recente da mata, não conseguimos visualizar com clareza a superfície do terreno, mas encontramos um fragmento e confirmamos a presença de TPI. No caso da comunidade, existe algumas manchas de TPI dispersas e de fina espessura. O solo possui granulometria siltosa.

Os moradores não souberam informar sobre a fundação da comunidade e Valdeci, presidente da comunidade, acredita que o Miriti era uma antiga colocação da época do extrativismo.



Figura 25: Comunidade Miriti



Figura 26: Fragmentos expostos em superfície em solo escuro.

Sítio Severino

Sítio localizado na margem esquerda do igarapé Caiambé, em uma terra não muito alta e que pode ficar submersa conforme as variações das cheias. Existem poucos fragmentos em superfície e dispersos por toda a comunidade, mas não encontramos nenhuma evidência ou informação de que esse material possa estar associado à TPI. Da mesma maneira não encontramos vestígios diagnósticos que pudessem nos indicar um contexto cultural específico, mas há ocorrência do engobo vermelho em alguns fragmentos. Assim como o caso de Barreirinha, a comunidade passa por um processo de reconhecimento indígena associado aos Apurinã.



Figura 27: Comunidade Severino



Figura 28: Fragmentos cerâmicos encontrados em superfície. Alguns possuem engobo vermelho na face interna.

Sítio São João

Sítio localizado na margem direita do rio Solimões, acima da foz do Lago Caiambé, em uma terra alta não alagável e exposta aos processos erosivos do rio (terra caída).

O local é conhecido por muitos como área de pesca, por conta dos remansos próximo à margem. Alguns desses pescadores, moradores de outras comunidades, nos informaram que encontram muitos fragmentos decorados próximo ao barranco, onde colocam as redes de pesca.

Visualizamos os vestígios margeando o rio e não conseguimos acessar a parte mais alta para averiguarmos a sua superfície. O local parece ser utilizado para o plantio de açaí e outras frutas, mas não há nenhuma comunidade ou residência próxima a essa área.

O sítio se estende ao longo de 500m paralelo ao rio (eixo leste-oeste) e possui uma camada de TPI de \pm 50cm de espessura. Em meio aos sedimentos que foram erodidos encontramos muitos fragmentos decorados (plástico e pintado) associados a TPA. Ao que tudo indica, trata-se de um sítio unicomponencial de grandes dimensões, apesar de não ser possível estimar sua extensão no eixo norte-sul.

Analisando brevemente o material, podemos perceber que as decorações acanaladas possuem o mesmo aspecto que os da fase Tefé, ou seja, foram feitas com algum instrumento de ponta dupla ou tripla. Há também uma grande quantidade de caraipé utilizado como antiplástico.



Figura 29: Barranco do sítio São João erodido pelo rio. Detalhe para a fina camada de “Terra Preta de Índio” na superfície.



Figura 30: Fragmentos encontrados no barranco exposto e erodido pelo rio. Material apresenta elementos associados à Tradição Polícroma da Amazônia.



Figura 31: Fragmentos de borda com lábio recortado e decoração acanalada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber a partir dessa primeira etapa de levantamento que o Lago Caiambé, juntamente ao Lago Jutica e seus arredores, possuem um grande potencial arqueológico com a ocorrência de vestígios cerâmicos pré-coloniais e históricos, podendo estar associados à Terra Preta Antrópica. O aprofundamento das pesquisas nessa região poderão contribuir e dialogar com outros trabalhos em

andamento ou finalizados na região do baixo e médio curso do rio Solimões (BELLETTI, 2011; COSTA, 2012; GOMES, 2012; OLIVEIRA, 2012; MATOS, 2013; LOPES, 2013; TAMANAHA, 2013; FERNANDO, 2014).

Os elementos diagnósticos identificados nas cerâmicas pré-coloniais (decorações plásticas e pintadas, motivos decorativos e/ou forma-inclinação de bordas) permitiu identificarmos duas grandes tradições cerâmicas da Amazônia: a Tradição Borda Incisa (TBI) e a Tradição Polícroma da Amazônia (TPA). Apesar de não termos realizados intervenções em sub-superfície, dos 13 sítios identificados 2 possuem um contexto multicomponencial (TBI-Fase Caiambé e TPA-Fase Tefé) e em 8 encontramos características que nos permitem associar a um possível contexto unicomponencial da Fase Tefé. A presença da “Terra Preta de Índio” (TPI) também nos indica um longo período de ocupação e adensamento demográfico na região, conforme apontam os estudos sobre os solos antrópicos na Amazônia (NEVES *et al.*, 2004). Porém, somente com escavações sistemáticas é que poderemos averiguar com maior consistência os contextos dos estratos culturais dos sítios identificados.

Em relação a história recente dos lagos, as narrativas dos moradores remontam ao início do século XX, em um período de grande povoamento na região para a extração de produtos florestais (castanha, sorva e seringa) e a presença de um comércio em torno do barracão dos patrões (LIMA, AYRES, 1992 *apud* ALENCAR, 2009). No caso dos lagos Caiambé e Jutica, o domínio do território estava sob o comando da família de Henrique Lima. Atualmente, os moradores não vivem mais sob o regime dos patrões e sua economia gira em torno da extração da castanha (*Bertholletia excelsa*) e na produção da farinha de mandioca.

Metodologicamente, a maneira com a qual iniciamos as entrevistas se mostrou fortuita. Ao questionarmos os comunitários sobre a história recente da ocupação do território, na maioria das vezes ligada aos entrevistados ou seus parentes, conseguimos aproximá-los de nossa pesquisa e discutir com eles a relação entre essa história recente e o passado indígena. Essa história está contada através de uma materialidade distinta, mas reconhecível e circunscrita na mesma paisagem (natural e antropizada).

Em suma, vemos uma ocupação contínua dos Lagos Jutica e Caiambé que remonta desde um passado indígena pré-colonial até os dias atuais, com sucessivas reocupações das mesmas áreas (sítios arqueológicos localizados nas atuais áreas ocupadas) e um constante manejo florestal em torno das comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Edna Ferreira. O Tempo dos Patrões “Brabos”: fragmentos da história da ocupação humana da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, AM. *Amazônica*, Belém, v. 1, n. 1, p. 178-199, 2009.
- BARBOSA RODRIGUES, João. Antiguidades do Amazonas. Arte Cerâmica. *Ensaios de Ciência por diversos amadores*, v. 2, p. 3-23, 1876.
- BARBOSA RODRIGUES, João. Antiguidades do Amazonas. A necrópole de Mirakangüera. Vellozia. *Contribuições do Museu Botânico do Amazonas (Arqueologia e Paleontologia, 1885-1888)*, v. 2, p. 1-40, 1892.
- BELLETTI, Jaqueline da Silva. *Arqueologia do Lago de Tefé: Discussões Sobre a Variabilidade Artefactual da Cerâmica Policroma*. Projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (PPGA-MAE/USP). São Paulo, 2011.
- CALDARELLI, Solange Bezerra. *Relatório Final do Projeto de Levantamento e Resgate da Área de Influência Direta do Poliduto Urucu-Coari, AM*. São Paulo: Scientia Consultoria, 1998.
- COSTA, Bernardo Lacale Silva. *Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã. Estado do Amazonas*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CRULS, Gastão. Arqueologia amazônica. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 169-220, 1942.
- FERIZ, Henri. The ceramics of Tefé-Amaná: A contribution to the archaeology of the Amazon. *Ethnos*, v. 28, n. 2-4, p. 147-176, 1963.
- FERNANDO, Verônica Lima. *Conservação de Urnas do Lago Amanã*. Projeto de iniciação científica submetido ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). Tefé, 2014.
- GOMES, Jaqueline. Is it true that this place used to be an indian village? Ceramic analysis and preliminary chronology of Boa Esperança archeological site, located in Amanã SDR, Mid-Solimões River, State of Amazonas, Brazil. *Uakari*, Belém (Online), v. 7, p. 7-20, 2011.
- GOMES, Jaqueline. *Cronologia e mudança cultural no Médio Solimões: Um estudo das cerâmicas Caiambé da Tradição Borda Incisa/Barrancóide*. Projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (PPGA-MAE/USP). São Paulo, 2012.
- HANKE, Wanda. Archäologische Funde im oberen Amazonasgebiet. *Archiv für Völkerkunde*, Viena, v. 14, p. 31-66, 1959.

- HILBERT, Peter Paul. New Stratigraphic Evidence of Culture Change on the Middle Amazon (Solimões). In: INTERNATIONALEN AMERIKANISTEN KONGRESSES, 34. 1962, Viena. *Anais*, Viena, 1962, p. 465-470.
- HILBERT, Peter Paul. *Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazon*. Berlin: Marburger Studienzur Volkerkund, 1968.
- LIMA, Márjorie; TAMANAHA, Eduardo Kazuo. *Relatório final de atividades entregue ao PIATAM*. Manaus: PIATAM, 2007.
- LIMA, Márjorie; TAMANAHA, Eduardo Kazuo. *Relatório parcial de atividades entregue ao PIATAM*. Manaus: PIATAM, 2008.
- LOPES, Rafael de Almeida. *Presença e dispersão da Tradição Policroma da Amazônia: um estudo arqueológico comparativo entre o médio rio Solimões e no médio-baixo rio Negro (AM)*. Projeto de iniciação científica submetido a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). São Paulo, 2013.
- MATOS, Cláudia Sá Rego. *Análise micromorfológica dos depósitos arqueossedimentares do sítio Conjunto Vilas, Tefé (AM)*. Projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Geologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2013.
- NEVES, Eduardo Góes. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-term History, and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008, p. 359-379.
- NEVES, Eduardo Góes. *Serviços de Estudos de Prospecção, Avaliação, Salvamento e Resgate de Patrimônio Arqueológico na Implantação de Faixa e Abertura de Valas no Gasoduto Coari-Manaus e no GLPDuto Urucu-Coari*. São Paulo: IPHAN, 2010.
- NEVES, Eduardo Góes. *Sob os Tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)*. 2013. Tese (Livre-Docência) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- NEVES, Eduardo Góes; PETERSEN, James; BARTONE, Robert; HECKENBERGER, Michael. The timing of terra preta formation in the central Amazon: Archaeological data from three sites. In: GLASER, B.; WOODS, W. I. (Ed.). *Amazonian Dark Earths: Explorations in space and time*. Berlin: Springer Verlag, 2004, p. 125-134.
- OLIVEIRA, Erêndira. *A variabilidade tecno-estilística da Tradição Polícroma da Amazônia: Um estudo exploratório da Iconografia Guarita*. Projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (PPGA-MAE/USP). São Paulo, 2012.

PORRO, Antônio. *O Povo das Águas*: ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1995

ROCHA, Bruna Cigaran; BELLETTI, Jaqueline; PY-DANIEL, Anne Rapp; MORAES, Claide de Paula; OLIVEIRA, Vinicius Honorato. Na Margem e à Margem: arqueologia Amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. *Amazônica*, Belém, v. 6, n. 2, p. 358-384, 2014.

TAMANAHA, Eduardo Kazuo. *Zona Tampão e a Tradição Polícroma da Amazônia no Baixo/Médio Rio Solimões*. Projeto de doutorado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (PPGA-MAE/USP). São Paulo, 2013.

Recebido em:15/03/2015
Aprovado em:12/04/2015
Publicado em:17/05/2015